

Delfim acusa PMDB e diz que recessão virá em três meses

Por recomendação do deputado Ulysses Guimarães, que alegou que precisará dos peemedebistas em plenário para aprovar o regimento da Constituinte, a liderança do PMDB adiou ontem para depois do Carnaval o encontro do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, com a bancada do partido, anteriormente marcado para amanhã. Em resposta o líder do PDS, Amaral Neto, convocou ontem às pressas uma reunião da bancada do seu partido para debater a moratória. Na reunião, o ex-ministro e atual deputado Delfim Neto (PDS-SP) anunciou: "Eu diria que já estamos com a recessão às nossas portas, e em três meses ela virá".

O deputado pedessista repetiu a primeira reação do líder do PT, deputado Luís Inácio Lula da Silva à moratória: não há heroísmo nem soberania nenhuma em deixar de pagar juros da dívida quando não se tem mesmo com que pagar. Disse Delfim que corajoso teria sido o governo se suspendesse os pagamentos quando as reservas brasileiras eram de US\$ 9 bilhões.

Delfim responsabilizou a política cambial "desastrosa" do governo Sarney pela crise que levou à suspensão do pagamento dos juros. "Esta é uma quebra só nossa", disse. "Não foi causada por nenhum fator externo, e que já era prevista por todos os economistas do País desde março de 88."

O ex-ministro disse ainda que o governo está promovendo uma redução "dramática" dos salários reais, para ajustar a economia às novas condições, mantendo ao mesmo tempo a retórica de que o salário está crescendo. "A cobrança do Imposto de Renda e o reajuste dos aluguéis a partir de março vão produzir uma redução cavalar do salário real", afirmou Delfim, acrescentando que o PMDB faz agora o que ele era acusado de fazer em 1982 e 83, durante a primeira crise cambial: ajustar a economia às custas dos assalariados. "Se o governo fizesse o ajuste de acordo com o Fundo Monetário Internacional, o preço seria muito menor, porque o próprio FMI tem recursos para transferir aos países que o integram", afirmou o ex-ministro.

O senador e ex-ministro Roberto Campos (PDS-MT), insistiu em que "a crise atual é a mais artificial das crises, totalmente made in Brazil". Já os deputados Jaime Santana (PFL/MA) e Sául Queiroz (PFL/MS) não mostraram muito entusiasmo com as últimas decisões econômico-financeiras do governo, prevendo que o Brasil terminaria por se submeter às regras do FMI.